



VI SEMANA DE ENFERMAGEM DA URCA

I SIMPÓSIO DE ENFERMAGEM DERMATOLÓGICA DA REGIÃO CENTRO-SUL

EIXO TEMÁTICO: Gênero e Sexualidade

MODALIDADE: Oral

MULHERES LÉSBICAS E BISSEXUAIS: DIREITOS IGUAIS?

Stéffane Costa Mendes¹

Antonio Wellington Vieira Mendes²

Carolaine da Silva Souza³

Mariana Cordeiro da Silva⁴

Tamires Alves Dias⁵

Samara Calixto Gomes⁶

Resumo: As mulheres lésbicas e bissexuais enfrentam inúmeros obstáculos na busca por acesso aos serviços de saúde desde a invisibilidade da sexualidade feminina, até o preconceito. O objetivo do trabalho é compreender se os profissionais de enfermagem estão preparados para realizar uma assistência de forma equânime e universal. Trata-se de uma revisão narrativa da literatura, realizada em abril de 2019. O estudo atenta para a necessidade de humanizar o cuidado à estas mulheres, tornando urgente a necessidade de sensibilizar os profissionais de saúde, por meio de capacitações sobre as especificidades da população LGBT, satisfazendo assim, as especificidades dessa população.

INTRODUÇÃO

A sexualidade em uma sociedade que mantém o discurso da heteronormatividade como padrão estabelecido, desconstrói outras formas de expressão da sexualidade presentes no cotidiano das pessoas, as descrições de gênero na sociedade contribuem para dar visibilidade ou invisibilidade a grupos sociais (SILVA; PRATA, 2018).

As mulheres lésbicas e bissexuais enfrentam inúmeros obstáculos na busca por

¹ Acadêmica em Enfermagem pela Universidade Regional do Cariri – URCA. Membro do Projeto de Extensão Educação em Saúde e Sexualidade e do Grupo de Pesquisas Clínicas Cuidado e Gestão (GPCLIN). Email: steffaneecostam@gmail.com

² Discente do Curso de Enfermagem pela Universidade Regional do Cariri – URCA. Bolsista de Iniciação Científica. Membro do Grupo de Pesquisas Clínicas Cuidado e Gestão (GPCLIN). Integrante do Projeto de Extensão: Educação para o cuidado seguro: o papel (trans) formador da universidade e Projeto Jovens Socorristas. E-mail: wellingtonmendes723@gmail.com

³ Acadêmica em Enfermagem pela Universidade Regional do Cariri – URCA. Membro do Projeto de Extensão Educação em Saúde e Sexualidade e do Grupo de Pesquisas Clínicas Cuidado e Gestão (GPCLIN). Email: carolaine856@gmail.com

⁴ Acadêmica em Enfermagem pela Universidade Regional do Cariri – URCA. Bolsista do Projeto de Extensão Educação para o cuidado seguro: o papel (trans) formador da universidade. Membro do Grupo de Pesquisas Clínicas Cuidado e Gestão (GPCLIN) : E-mail: mariana.cordeiro110@gmail.com

⁵ Graduanda em Enfermagem pela Universidade Regional do Cariri-URCA/UDI. Bolsista do Programa de Iniciação Científica (PIBEX-URCA). Membro do grupo de Pesquisa Clínica, Cuidado e Gestão em Saúde (GPCLIN). Integrante dos Projetos Extensão Educação em Saúde e Sexualidade (PESS) e Projeto Viver Bem na Melhor Idade (PVBMI). Membro do Centro Acadêmico de Enfermagem (CAENF) alvestamires98@gmail.com

⁶ Enfermeira. Mestre em Enfermagem. Docente da disciplina de gênero, sexualidade e saúde reprodutiva da Universidade Regional do Cariri - Urca. Coordenadora do Projeto de Extensão Educação em saúde e sexualidade. Email: samaracalixto@hotmail.com



VI SEMANA DE ENFERMAGEM DA URCA

I SIMPÓSIO DE ENFERMAGEM DERMATOLÓGICA DA REGIÃO CENTRO-SUL

acesso aos serviços de saúde incluindo desde a invisibilidade da sexualidade feminina, até o preconceito. Observa-se, no entanto, após a popularização de diversos movimentos sociais que surgiram em meados do século XX, com o objetivo de reivindicar a criação de políticas públicas, concedendo maior visibilidade de mulheres lésbicas e bissexuais na procura pelos serviços de saúde e assistência (CABRAL *et al.*, 2019).

Para eliminação de barreiras socioculturais, o Programa Brasil Sem Homofobia e a Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (PNSILGBT) objetivam promover a cidadania garantindo os direitos e o atendimento às especificidades de cada um desses grupos (CABRAL *et al.*, 2019).

Com a introdução gradual em formulários, documentos e em alguns prontuários sobre a orientação sexual e o reconhecimento do nome social e da identidade de gênero, vem contribuindo para o reconhecimento das mulheres lésbicas enquanto sujeito de direito, abrindo o “olhar” da mesma enquanto cidadã (SILVA; PRATA, 2018).

Apesar dos avanços das políticas públicas na saúde da mulher, quando se refere aos direitos das mulheres lésbicas e bissexuais ainda são encontradas algumas barreiras, pois a homossexualidade é uma temática cercada de preconceitos e discriminações (SILVA; PRATA, 2018).

Suas especificidades na saúde ainda não são observadas, tornando-as invisíveis dentro do sistema, e consequentemente, mais vulneráveis a fatores de risco a sua saúde quando comparadas a outras mulheres (CRISPIM *et al.*, 2017).

O atendimento às mulheres homossexuais é, muitas vezes, fragmentado e descontextualizado, pois não aborda a orientação sexual das mesmas, que são atendidas como heterossexuais. Sendo que, os cuidados e orientações a essas mulheres devem ser adequados aos seus valores e estilo de vida, o que comprova a utilização de técnicas e habilidades específicas na entrevista para garantir atendimento e orientações adequadas (SOUSA *et al.*, 2014).

De acordo com o Dossiê Saúde da Mulher Lésbica (2006), a invisibilidade e a ausência de políticas adequadas e efetivas interferem no atendimento, serviços de saúde e na atuação dos profissionais, que na ausência de informações sobre essa população, agem a partir de estereótipos socialmente disseminados e pré-estabelecidos (VALADÃO; GOMES, 2010).

Muitas vezes, mulheres lésbicas passam despercebidas nos serviços de saúde, pois a identificação da orientação sexual da lésbica e bissexual é realizada pela identificação de



VI SEMANA DE ENFERMAGEM DA URCA

I SIMPÓSIO DE ENFERMAGEM DERMATOLÓGICA DA REGIÃO CENTRO-SUL

características atribuídas ao gênero masculino, não sendo percebidos tais traços, são invisibilizadas e suas demandas específicas não são identificadas (SILVA; PRATA, 2018).

Os profissionais de enfermagem necessitam atentar para seus próprios preconceitos, os quais podem vir a prejudicar a qualidade do cuidado prestado a determinadas populações, em particular no contexto deste estudo, as mulheres lésbicas (SOUSA *et al.*, 2014).

No que diz respeito aos princípios integralidade e equidade, no cuidado à mulher lésbica detecta-se uma carência, visto que apesar da visibilidade trazida pelos documentos legais, nos serviços de saúde a assistência ainda é negligenciada, podendo ocorrer condições de sofrimento e agravos à saúde (SILVA; PRATA, 2018).

Diante das razões apontadas, faz-se necessário o estudo, por conta de demandas e especificidades de saúde dessa população que são invisibilizadas durante o cuidado, não sendo satisfeitas, acarretadas pelo modelo de saúde pautados na heteronormatividade.

OBJETIVO

O objetivo do presente trabalho é compreender se os profissionais de enfermagem estão preparados para realizar uma assistência equânime e universal à todas as mulheres independente de sua sexualidade.

MÉTODO

Trata-se de uma revisão narrativa da literatura, sendo realizada no período de abril de 2019; foram utilizados o cruzamento dos seguintes descritores em saúde (Decs): Enfermagem, Lésbicas e Bissexuais, por meio do operador booleano AND, seguido da aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, resultando em 8 artigos.

Foram Utilizados como critérios de inclusão: artigos disponíveis completos, que estivesse dentro do tema, com idioma português e de exclusão: publicações que não contribuíssem com a formulação do trabalho, documentos repetidos ou pagos; bases de dados internacionais e especializadas ou textos com línguas estrangeiras.

RESULTADOS/DISCUSSÕES

Os direitos sexuais refletem acerca da vivência plena da sexualidade, com prazer, respeito, segurança e livre de preconceitos, não somente voltada a gays e lésbicas, mas a todas as pessoas. Porém, vimos que a difícil tarefa de incluir a sexualidade no campo dos direitos humanos se torna mais árdua quando o assunto é a homossexualidade. Ainda hoje, vemos dificuldades e silenciamentos ligados à sexualidade e principalmente sobre a



VI SEMANA DE ENFERMAGEM DA URCA

I SIMPÓSIO DE ENFERMAGEM DERMATOLÓGICA DA REGIÃO CENTRO-SUL

homossexualidade feminina, que se reflete nos cuidados e no acesso em relação à saúde dessa população (CARVALHO; CALDERADO; SOUZA, 2013).

Percebe-se que o profissional de saúde que está mais próximo da população nos serviços de saúde é o enfermeiro, principalmente na Rede de Atenção Básica. A Atenção Básica de Saúde desenvolve diversos programas, entre eles, o Saúde da Mulher, deve-se realizar na consulta de Enfermagem, independentemente da assistência a ser prestada, a anamnese; no entanto, nesse procedimento, não se abordam as questões sobre a orientação sexual das mulheres, apesar de ser uma necessidade, pois é nesse momento que o profissional deve direcionar os seus cuidados e orientações às demandas específicas de cada mulher (CABRAL *et al.*, 2019).

Um fator importante é a necessidade de sensibilização dos profissionais de saúde para a realização do atendimento, pois o desconhecimento, o preconceito e a discriminação em relação à saúde da população LGBT, contribui significativamente para a qualidade do cuidado (SILVA; PRATA, 2018).

A concepção de que as mulheres lésbicas e bissexuais não têm necessidades de orientações sobre a prática do sexo seguro resulta em um grande equívoco, levando a sérios problemas de saúde pública. O Vírus Papiloma Humano (HPV) é transmitido pelo contato de pele com pele ou entre a pele e mucosas; o câncer de mama apresenta uma grande incidência em mulheres nulíparas e que nunca amamentaram; o câncer de ovário, que é bastante agressivo, tem uma maior probabilidade de se desenvolver em mulheres que nunca fizeram uso de anticoncepcionais (CABRAL *et al.*, 2019).

O foco seria minimizar um ambiente que visualize a mulher apenas enquanto hétero, mãe e adulta, em detrimento das demais mulheres. O rastreamento para o câncer de mama e de colo de útero deve ser realizado com todas as mulheres, independentemente de sua orientação sexual. No entanto, muitas mulheres que fazem sexo com mulheres e até mesmo alguns profissionais de saúde acreditam de maneira equivocada na invulnerabilidade destas mulheres à infecção pelo HPV. Na parte preventiva, para realização do exame colpocitológico, deve-se observar o tamanho do espéculo, o mesmo deve ser apropriado à prática sexual vivenciada pela mulher (CRISPIM *et al.*, 2017).

Segundo o dossiê da Rede Feminista os principais motivos que levam à menor procura dos serviços de saúde são a existência de discriminação, despreparo dos profissionais de saúde para lidar com as especificidades dessa população, dificuldades dessas mulheres de



VI SEMANA DE ENFERMAGEM DA URCA

I SIMPÓSIO DE ENFERMAGEM DERMATOLÓGICA DA REGIÃO CENTRO-SUL

assumirem como homo ou bissexuais e, a negação do risco quanto às doenças sexualmente transmissíveis (SILVA; PRATA, 2018)

A importância da enfermagem por meio de sua formação que podem ser disponibilizadas para as lésbicas e bissexuais são relevantes, pois a formação do profissional enfermeiro está pautada em teorias para atuar no cuidado que abrange a diversidade, a cultura e a religião. Assim, a prática ética em enfermagem envolve o saber ouvir e entender as angústias daqueles considerados marginalizados e desconhecidos por causa de inaceitável diversidade. Ressalta-se que os serviços de saúde se caracterizam como o cenário em que o enfermeiro desenvolve uma assistência direcionada a saúde da mulher, podendo criar um ambiente acolhedor a partir do diálogo que aborde as crenças, preocupações e orientações sobre sexualidade. No entanto, é necessário que os enfermeiros conheçam as necessidades desse grupo, a fim de desenvolver uma desconstrução de ideologias e mitos. (SOUSA *et al.*, 2014).

As ações de saúde da mulher lésbica, devem ser pautadas no respeito aos direitos humanos contribuindo para a eliminação do estigma e da discriminação decorrentes das homofobias, a promoção da cidadania e da inclusão da população de LGBT por meio da articulação com as diversas políticas sociais, de educação, segurança e trabalho; inclusão da temática de orientação sexual e identidade de gênero nos processos de educação permanente desenvolvidos pelo SUS, incluindo os trabalhadores da saúde, integrantes dos conselhos de saúde e lideranças sociais (SILVA; PRATA, 2018).

Dessa forma, dar visibilidade é olhar criticamente para os dispositivos que abordam à saúde das mulheres lésbicas, pensando na consistência das políticas de saúde para o enfrentamento das demandas dessa população. A escassa, ou quase inexistente, produção científica abordando a temática saúde e homossexualidade feminina no Brasil; a inexistência de políticas de saúde consistentes para o enfrentamento das dificuldades e necessidades dessa população; o precário conhecimento sobre suas demandas e a ausência de tecnologias de cuidado à saúde adequadas, aliados à persistência de pré-noções e preconceitos, convertendo-se em desperdício de recursos, constrangimento e atrito nas relações nos serviços de saúde, na assistência inadequada, e provavelmente num contingente de mulheres que não obtiveram seu diagnóstico, nem tratamento. (SILVA; PRATA, 2018).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo atenta para a necessidade de humanizar o cuidado à saúde das mulheres



VI SEMANA DE ENFERMAGEM DA URCA

I SIMPÓSIO DE ENFERMAGEM DERMATOLÓGICA DA REGIÃO CENTRO-SUL

lésbicas e bissexuais, tornando urgente a necessidade de sensibilizar os profissionais de saúde, a partir da capacitação em relação as especificidades da população LGBT. Neste sentido, é de suma importância que os profissionais de saúde tenham maior proximidade com as demandas apresentadas por estas mulheres, além do conhecimento das políticas públicas, para satisfação das especificidades dessa população (SILVA; PRATA, 2018)

Faz-se necessário que os profissionais enfermeiros avaliem sua postura profissional no que diz respeito à assistência a esse grupo, deixem de lado seus preconceitos e busquem conhecimentos através de atualizações, capacitações em saúde que façam menção a essa temática. Assim, estes profissionais poderão ofertar uma assistência de qualidade embasada na escuta qualificada, respeito e acolhimento às mulheres lésbicas e bissexuais (CRISPIM *et al.*, 2017).

As concepções sobre sexualidade ainda sofrem dificuldades na sua abordagem, o que compromete a assistência, privando essas mulheres do seus direitos. Dessa forma, afim de despertar criticidade quanto à temática e inquietação a comunidade acadêmica, faz-se necessário mais pesquisas sobre esse tema, por conta do baixo número de publicações (SOUSA *et al.*, 2014).

DESCRIPTORIOS: Bissexuais. Enfermagem. Lésbicas.

REFERÊNCIAS

- CABRAL, K. T. F. *et al.*, *Assistência de Enfermagem às Mulheres Lésbicas e Bissexuais*. **Rev enferm UFPE**. Recife, v.13. n. 1. p. 79-85, jan., 2019
- CARVALHO, C. S.; CALDERARO, F.; SOUZA, S. J. O Dispositivo “Saúde de Mulheres Lésbicas”: (in)visibilidade e direitos . **PSICOLOGIA POLÍTICA**. VOL. 13. Nº 26. PP. 111-127. jan. – abr. 2013.
- CRISPIM, J. E. B. *et al.*, *Assistência de enfermagem à mulher lésbica e bissexual na atenção básica: protocolo de atendimento*. **Rev. Cuidado é Fundamental**. Rio de Janeiro, 2017.
- SILVA, A. N.; PRATA, M. O Atendimento à mulher lésbica e a Influência da Heteronormatividade no cuidado. Disponível em: www.convibra.org. Rio de janeiro. 2018.
- SOUSA, J. C. *et al.*, *Promoção da saúde da mulher lésbica: cuidados de enfermagem*. **Rev Gaúcha Enferm**. 2014 dez;v. 35. n. 4. p. 108-13, 2014.
- VALADÃO, R. C.; GOMES, R. A homossexualidade feminina no campo da saúde: da invisibilidade à violência. **Physis Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, 21 [4]: 1451-1467, 2011.